

Indicadores de desempenho nas Universidades Estaduais Paulistas
Projeto FAPESP 2017/50046-8

**“Desempenho Acadêmico e Comparações Internacionais: Horizonte 2022”
Pré-Workshop e Pré-Fórum. Segunda feira, 03 de dezembro 2018**

(Pró-memória)

Projeto Fapesp – Pré-Workshop e Pré-Fórum

Data: 03 de dezembro de 2018, das 09h30 às 14h00

Local: Sala Ruy Leme/FEA/USP

O evento teve início com introdução feita por **Jacques Marcovitch**, apresentando a programação para as atividades do dia (seguem abaixo) e estabelecendo os resultados desejados para as universidades estaduais de São Paulo neste processo, a saber:

1. *Mudança de mentalidade* para tornar a avaliação de desempenho acadêmico e as análises comparativas internacionais partes integrantes do cumprimento da missão universitária.
2. *Formação de novas competências tecnológicas e humanas* para preparar as universidades no enfrentamento dos desafios presentes e futuros, conduzindo-as a elevados patamares de aperfeiçoamento.
3. *Concepções de universidade que se enriquecem mutuamente*, expressando na sua plenitude as áreas de saber. O primeiro conceito é o de “*liberal arts*” que valoriza a comunidade acadêmica engajada no cultivo de um espírito humanista e crítico. O segundo é o conceito de uma universidade como espaço de *investigação básica*, tendo por motivação o avanço da ciência. O terceiro é a *visão utilitária* que sublinha o componente do desenvolvimento econômico através da inovação e da disseminação de tecnologias avançadas. O último conceito é o de uma *universidade com espírito cívico*, com preocupações sociais e ambientais, engajada na promoção da inclusão social, do desenvolvimento humano e da conservação ambiental. Embora nenhum desses conceitos seja incompatível com os demais, cada um possui necessidades da governança e de indicadores específicos. Portanto, as plataformas devem ser capazes de englobar e incluir as várias concepções de universidade e as suas métricas.
4. *Planos estratégicos plurianuais focados em métricas*, com indicadores que dialogam com a narrativa. Com isso, os objetivos estabelecidos dentro das universidades passam a ser rastreáveis e sujeitos a monitoramento, favorecendo assim a coerência entre a retórica e os recursos disponíveis.

Em seguida, os demais participantes foram convidados a se apresentarem.

Abordagens horizontal e vertical

Os participantes foram então solicitados a apresentar as suas contribuições para a preparação do II Workshop e para o I Fórum programados para o dia 14 de março de 2019, quinta-feira, em Campinas.

A contribuição de **Sabine Righetti** reflete a demanda crescente de classificações nas instituições de ensino superior do Brasil, pois o sistema vem crescendo, com mais instituições obtendo visibilidade nas classificações, e pelo fato de terem de produzir pesquisa para manter o nível da universidade. Essa demanda aumentou a ponto de que o RUF terá equipes distintas em 2019, uma no departamento que cria as classificações e outra para explicar como funciona a classificação e o que significam os seus resultados.

Em seguida, Sabine Righetti identificou quatro tipos de universidades no Brasil:

1. As universidades públicas de elevado prestígio, com pesquisa intensiva. São tipicamente as universidades líderes em cada estado ou região, possuem financiamento público e produzem a maior parte da pesquisa no País. Um dos principais desafios que enfrentam é a inserção cada vez maior em redes de pesquisa internacional e uma crescente visibilidade mundial.
2. O segundo grupo é o de universidades públicas mais jovens, contando ao redor de 30 anos de criação, com prioridades de pesquisa e estratégias de recrutamento orientadas para a região na qual estão inseridas. Atualmente, elas enfrentam dificuldades para atrair e reter talentos na área de pesquisa, para obter financiamentos para projetos de pesquisa e para se inserir nas principais redes internacionais de pesquisa.
3. O terceiro grupo é formado por universidades privadas e reconhecidas, sem fins lucrativos. O principal desafio dessas instituições é alcançarem melhor posição no contexto nacional, embora algumas já possuam projetos de internacionalização em curso.
4. O último grupo é o das instituições privadas com fins lucrativos. Possuem uma programação pedagógica muito intensa, produzindo pouca pesquisa – em grande parte apenas para manter o nível de avaliação da universidade. Tais universidades estão atualmente estabelecendo centros de pesquisa institucional e de monitoramento das classificações. Interessam-se por melhorar as suas posições, visando o reconhecimento público.

Há, entretanto, exceções a esses modelos, com destaque, à guisa de exemplo: UniFor – como universidade privada produtora de pesquisa; UFABC – como uma das universidades da REUNI, produz pesquisa de nível internacional e com visibilidade mundial.

Em outras palavras, existe uma grande diversidade de tipos institucionais – e também diversidade dentro das universidades, nas quais algumas áreas são extremamente tradicionais e bem estabelecidas, e outras são muito recentes. Apesar disso, todas as universidades estão empenhadas na mesma busca por indicadores para mensurar o aprimoramento e aumentar o conhecimento do público sobre o valor da educação superior.

Nesse contexto, o desafio proposto é a busca de uma abordagem integrada do uso de indicadores no ensino superior do Brasil.

Solange Santos apresentou, então, a sua análise, com uma abordagem totalmente diferente. Em vez de olhar para o nível meso dos indicadores amplos do sistema, abordou aspectos macro das áreas de conhecimento e departamentos individuais, para identificar áreas de desempenho excelente. Isso foi motivado pela observação de que embora as universidades brasileiras tenham dificuldades em alcançar os primeiros lugares das classificações, existem muitas áreas de saber em que até mesmo universidades menores podem se classificar entre as 100 primeiras, ou mesmo entre as 50 primeiras instituições. Isso significa que existe um número de áreas de notada excelência, com a capacidade de transmitir lições valiosas a outras áreas de conhecimento, bem como a possibilidade de alcançar um nível de reconhecimento global. Como exemplo, Solange recorrerá às Ciências Agrárias como uma área de importância nacional e estratégica, e desempenho relevante nas universidades do Estado de São Paulo. Apesar disso, ela enfatiza que embora produzam elevados volumes de pesquisa, grande parte desta não é devidamente citada ou tem pouca visibilidade.

Assim, Solange Santos trabalhará junto a cada universidade individualmente, para definir os seus resultados, objetivos estratégicos e indicadores determinantes. Foi também comentado que os critérios e as avaliações nacionais e internacionais devem ser levados em conta, considerando que as categorias de pesquisa nem sempre se ajustam entre si.

Interoperabilidade dos dados e novos métodos analíticos

João Eduardo Ferreira, da STI-USP, abordou a interoperabilidade dos dados e novos métodos analíticos para dados quantitativos aplicados ao monitoramento do desempenho acadêmico das universidades. O foco da sua proposta é a compreensão de que a USP enfrenta problemas na produção de indicadores que sejam úteis em processos de tomada de decisão na universidade. Em parte, isso ocorre porque o Anuário Estatístico é produzido como um fim em si mesmo, e não como um documento estratégico que dialoga com os objetivos institucionais.

Apontou que as universidades utilizam os dados com propósitos diversos:

1. Para registrar informação simples, determinística – como o número de professores ativos;
2. Para dialogar com avaliações externas, como classificações e avaliações nacionais;
3. Para acompanhar e compreender os efeitos da universidade na sociedade. À guisa de exemplo, podem ser citados o número de empresas criadas por alunos graduados, a influência nas políticas públicas e a formação para o trabalho especializado.

A consolidação das capacidades para monitorar esta informação simples, interna, foi um primeiro passo complexo e trabalhoso neste processo, mas levou a um verdadeiro entendimento dos desafios atuais expressos nos propósitos dois e três acima listados.

O segundo propósito requer a elaboração de uma infraestrutura operacional baseada na interoperabilidade dos dados para obter as novas fontes. A interoperabilidade, como princípio, não é sobre a integração de bases de dados para criar um banco de dados único, mas sobre a obtenção de uma metalinguagem comum para que esses dados sejam mutuamente inteligíveis nas análises. Isso exige a formação de uma cooperativa de dados, em que todos os parceiros concordam em apresentar os seus dados de acordo com um formato predeterminado.

Se as universidades e outras fontes continuarem a organizar os seus dados de acordo com as suas necessidades internas individuais, o impacto potencial dessas mudanças fica limitado.

Por isso, foi proposto um novo procedimento:

1. Coletar dados de acordo com uma ontologia unificada, com um dicionário predefinido;
2. Estratégia de colaboração para compartilhar esses dados;
3. Implementar uma rotina para confirmar se os dados chegaram dentro do prazo predeterminado.

Neste quadro, cabe aos especialistas definir as variáveis mais apropriadas para mensuração e aquelas mais representativas e importantes para uma determinada área de saber, disciplina ou atividade.

A função do cientista de dados é atualizar permanentemente essas variáveis, mas também analisar variáveis imprevisíveis ou não programadas que foram deixadas de lado. Nesse sentido, ele adota também um modelo de baixo para cima para criar ciclos de feedback ou realimentação positiva.

Frans Kaiser apresentou, em seguida, o formulário de U-Multirank, conduzindo os participantes pelos grupos de métricas por tema: *Teaching and learning, Research, Knowledge transfer, International orientation, regional engagement*. É necessário selecionar os indicadores mais relevantes e assegurar que isso seja aplicado uniformemente em todas as instituições do Brasil, para assegurar que os mesmos dados sejam relatados, da mesma forma, pelas universidades.

Renze Kolster introduziu comentários sobre o uso de U-Multirank para tomada estratégica de decisão, mostrando de que forma os indicadores U-Multirank podem ser incorporados aos planos estratégicos já existentes de cada universidade.

A situação atual das universidades Estaduais

Convidou-se então o representante executivo do projeto em cada uma das três universidades para descrever sucintamente os seus planos prioridades para o horizonte 2022.

Marisa Beppu, da Unicamp, apresentou o “Planes 2016-2020 - Planejamento Estratégico Universidade Estadual de Campinas, estabelecendo uma diversidade de objetivos a serem alcançados. (<http://www.prdu.unicamp.br/areas2/planes/planes/arquivos/planes-2016-2020>) os quais constam da página 21 :

1 – Excelência no ensino; 2 – Excelência na pesquisa; 3 - Excelência na extensão; 4 – Universidade digital; 5 – Internacionalização; 6 – Governança corporativa; 7 – Sustentabilidade; 8 – Gestão orçamentária e financeira; 9 – Gestão por processos; 10 – Gestão de pessoal; 11 – Gestão territorial e infraestrutura; 12 – Disseminação do conhecimento; 13 – Comunicação.

Embora cada um desses itens esteja detalhado no documento, ela observou que faltam na gestão da universidade indicadores específicos para mensurar o progresso feito com relação a esses objetivos, demonstrando que os indicadores estão ausentes das narrativas institucionais.

Também destacou a necessidade de enfatizar mecanismos dinâmicos de interação entre a sociedade e a universidade. Mecanismos que exigem novos conjuntos de indicadores e interoperabilidade de dados.

Por fim, comentou que frequentemente as universidades do Estado de São Paulo são vistas como exemplos por outras universidades de pesquisa no Brasil e, por isso, será primordial convidá-las a participar deste projeto, à medida que este for avançando, para garantir um crescimento integrado do sistema de ensino superior. Como último ponto, **Jacques Marcovitch** comentou sobre a importância da comunicação, que também requer atenção especial.

A seguir, **Aluísio Segurado**, da USP, destacou o fato de que a atual situação do país, turbulenta e incerta, indica ser este um momento oportuno para repensar o modo de conduzir o planejamento estratégico. Será necessário desenvolver ferramentas mais poderosas e apropriadas para o planejamento, a comunicação e a representação, em prol educação pública superior.

Para isso, Aluísio citou o novo “Estatuto do docente da USP” (direitos e obrigações dos professores) que contribuiu para uma verticalização da gestão, mediante a inserção dos planos de pesquisa individual relacionados à estratégia de pesquisa do seu departamento e de sua instituição. Com isso, os objetivos são mais fáceis de serem harmonizados para avaliar a contribuição individual e para o aprimoramento da instituição.

Em seguida, foi destacada a dupla função do EGIDA/USP (Escritório de Gestão de Indicadores de Desempenho Acadêmico), ao tornar melhor e mais inteligente o uso dos dados que João Eduardo Ferreira produz, e também para melhorar o diálogo, a comunicação e a disseminação dessa informação junto às comunidades interna e externa. Isso contribui como um movimento de baixo para cima da governança universitária, aproximando as demandas da comunidade das práticas de governança. Outro movimento de cima para abaixo, transforma a governança e os valores universitários e os objetivos em resultados concretos e mensuráveis.

Carlos Vergani, da UNESP, enfatizou, em seguida, que todas as três universidades enfrentam desafios semelhantes e frequentemente adotam soluções similares perante esses desafios. Por isso, torna-se mais profícuo o trabalho conjunto e colaborativo sobre essas questões. O ciclo do plano estratégico da UNESP é de dez anos, devendo o próximo plano ser apresentado em breve, para vigorar a partir de 2020. Este novo plano integra vinte desafios: dez para administração e governança e dez desafios acadêmicos. O enfrentamento desses vinte desafios tem por condicionantes a governança econômica e financeira da instituição, a reforma administrativa e a reforma acadêmica.

Em seguida, ele reforçou a necessidade de uma unidade de inteligência junto ao CRUESP para favorecer a troca de experiências entre as três universidades e a garantia de que estão todas alinhadas na construção do seu futuro.

Jacques Marcovitch assinalou, então, a existência de três riscos no horizonte das universidades públicas: os planos econômicos semelhantes aos implantados no Chile nos anos 1970 e 1980 a partir da Escola de Chicago; o desengajamento do governo com relação ao ensino público superior; e a ameaça à autonomia imposta pela reforma fiscal. Isso significa que os desafios das universidades apenas podem ser enfrentados conjuntamente; com uma maior colaboração entre elas.

Temas e práticas com indicadores

José Augusto Guimarães Chaves, da UNESP, lembrou o encontro do workshop realizado em agosto deste ano e as discussões sobre a importância de se identificarem indicadores que monitorem o impacto social.

Depois, mencionou alguns possíveis indicadores de impacto social e fontes que precisam ser exploradas – empregabilidade, patentes, presença de professores em funções públicas, em hospitais, em atividades culturais e de consultoria, os quais levam a um impacto local relevante. Prof. José Murari Bovo fez um mapeamento tentativo do impacto social da UNESP em comunidades locais, observando o capital financeiro e humano determinado em alguns municípios pela simples presença dos campi da UNESP e constatou serem estes os principais agentes do crescimento e do desenvolvimento local, graças ao seu papel de empregadores na região.

José Augusto Chaves Guimaraes comentou, então, sobre a tensão entre a produtividade e o impacto inerente ao perfil de muitas pesquisas, sublinhando que em vários casos a produtividade mais elevada não correspondia a um maior impacto. A comissão de classificações da UNESP elaborou então algumas hipóteses para explorar essa tensão. A primeira é que muitas vezes grupos de pesquisa muito produtivos são muito endógenos, isto é, não colaborando com outros grupos fora da universidade. A segunda é que às vezes o tópico da pesquisa é focado em aspectos locais, sem o esforço de conexão para despertar o interesse internacional. A terceira é que por vezes esse número elevado de publicações é feito em periódicos de baixa visibilidade internacional, levando-as a serem pouco citadas.

A comissão UNESP pretende, assim, introduzir um estudo experimental, para verificar se podem ser introduzidas estratégias que estimulem a visibilidade e o impacto dessa pesquisa e reduzam a lacuna produtividade/impacto.

Nina Ranieri, da USP, apresentou, em seguida, os esforços incipientes da Faculdade de Direito (FDUSP) para catalogar e monitorar o impacto da Faculdade. Comentou que muitos dos desafios encarados pelos departamentos são semelhantes, apesar da diversidade de valores, resultados e práticas. Entretanto, há um desafio significativo para as faculdades de direito, pois não existem muitas práticas estabelecidas para esta área de saber em nível mundial e porque os departamentos jurídicos costumam ser sub-representados. Isso se deve, em parte, à atitude corporativista/profissional das escolas de Direito.

Ela apontou a necessidade de uma visão de excelência centrada no futuro, levando em conta que este projeto tem valorizado o impacto social, e não apenas nos resultados dos exames da OAB e de formação profissional, itens bem cobertos pelo Observatório sediado na FGV. O desafio agora para a FDUSP é identificar quais os seus principais indicadores e os aspectos que devem ser mais valorizados.

Elizabeth Balbachevsky, da USP, apresentou seu projeto em andamento, baseado na comparação com a Universidade de Tampere. Destacou que, se por um lado as experiências anteriores de autonomia entre o ensino superior finlandês e o brasileiro eram notoriamente similares, nas atuais circunstâncias o ensino finlandês evoluiu significativamente, enquanto as universidades brasileiras encontram-se imersas em uma situação na qual não lhes resta outra escolha senão evoluir.

As universidades finlandesas conseguiram implementar mudanças incisivas à sua estrutura organizacional, abolindo departamentos e evoluindo para um número reduzido de nove escolas, flexibilizando também os regimes e contratos de trabalho. Trata-se de mudanças tão radicais que seriam impensáveis nas universidades da América Latina. As nossas universidades possuem raízes mais acentuadas no corporativismo e em colegiados, em que se apoiam mutuamente e fortemente. Isso torna a universidade extremamente complexa, na situação política atual. Contudo, acrescentou, todas

enfrentam hoje alguma ameaça grave, e por isso é premente que todas se adaptem e se transformem em função de um mundo em mudança.

Para tanto, o ensino, a pesquisa e a governança da extensão devem evoluir, adequando-se aos desafios e oportunidades com relação às prioridades de longo prazo e expectativas da sociedade. Isso requer transformar a estrutura de colegiado em uma nova forma de pensar. Atualmente, existe uma diversidade de movimentos populares que infletem e influenciam a vida pública; as forças armadas e a política, as forças da privatização neoliberal, as grandes empresas que determinam as políticas ambientais, só para nomear algumas. As universidades devem, portanto, construir o seu próprio espaço neste mundo e garantir que as vozes das autoridades científicas continuem sendo valorizadas.

Justin Axel-Berg, da USP, descreveu então o seu projeto, analisando a implementação e a natureza dos regimes de indicadores como sendo fundamentalmente enraizados na estrutura organizacional das universidades e sociedades, e não o simples resultado das fases de maturidade institucional. Sugeriu a necessidade de encontrar um modo de criar e implementar indicadores de modo adequado à estrutura organizacional dos institutos de pesquisa da América Latina. Isso levou a uma discussão sobre a natureza e a estrutura do Fórum de Indicadores, levantando-se a hipótese de que, sendo a pesquisa um ambiente político que busca exercer impacto sobre uma ampla gama de fenômenos sociais, a criação e a implementação de indicadores de pesquisa devem ser diversificadas e democratizadas, para uma definição de indicadores mais representativos e eficazes.

Indicadores de impacto social e regional

Cleópatra (Cléo) da Silva Planeta e **Guilherme Wolff Bueno**, da UNESP, apresentaram o seu trabalho sobre indicadores de impacto social, defendendo que a universidade não existe nem vive separada da sociedade nem da política, devendo, portanto, interagir com elas. Após um ano de discussão, foi produzido um documento de sustentabilidade acadêmica. Dentre os dez desafios apresentados, consta a “demonstração do impacto social da universidade em geral”. Destacaram que não se trata de um problema local, mas de um desafio global para as universidades. Realmente, foi abordado recentemente no artigo “Ciência além da bolha”, na revista Nature, proclamando que as universidades devem ser mais proativas na busca de um retorno mais concreto para a sociedade a fim de estabelecer a necessidade de ensino superior nestes tempos difíceis.

(<https://www.nature.com/news/researchers-should-reach-beyond-the-science-bubble-1.21514>)

Atualmente, os indicadores para as universidades brasileiras são extremamente endógenos, o que inibe o diálogo com o mundo exterior. Por isso, é preciso começar a conceber um indicador que favoreça esse diálogo.

Embora a CAPES dedique pequena parte das suas métricas para a inserção social, esta ainda é muito indefinida e instável, faltando-lhe parâmetros robustos. O desafio nesse caso é incentivar mais a coprodução científica junto às comunidades receptoras, e também mais coprodução de indicadores com as comunidades beneficiárias, a fim de assegurar que a pesquisa possa medir e representar o seu benefício social.

Para isso, ela ressaltou a importância da comunicação clara desses indicadores, para evitar que eles voltem a ser parte da academia e para assegurar que permaneçam como parte do processo social da ciência. Vide artigo “Shared Science” na revista Nature.

(<https://www.nature.com/articles/d41586-018-06859-3>)

A UNESP deu início ao mapeamento de todos os seus campi, o que é uma tarefa imensa, embora se tenha tornado um pouco mais fácil pela introdução das diretrizes da Pró-reitoria de Extensão. Está conduzindo uma pesquisa sobre empregabilidade, com estudantes de graduação, ex-alunos e estudantes de pós-doutorado que pararam no ciclo de pós-doutoramento, sobre como a universidade pode melhorar as suas propostas.

Jacques Marcovitch reforçou, então, a necessidade, neste processo, de incluir no fórum uma lista de “amigos” da universidade, visando melhorar a comunicação pública. Isso significa, em parte, identificar os tomadores de decisão e pessoas de influência que avaliarão a missão da universidade pública de forma proativa, antes que sejamos obrigados a recorrer a eles em situação de crise.

As Universidades Federais: UFMG, UNIFESP e UFABC

Lia Bittencourt, da UNIFESP, assinalou as grandes assimetrias de tempo verificadas na universidade, com as unidades mais antigas e outras praticamente sem história, na tentativa de construir novas estruturas. Isso significa que diversos setores estão trilhando caminhos novos, enquanto têm adquirido experiência significativa em outros. Têm focado especificamente em questões urbanas do futuro, no impacto da violência urbana, drogas e poluição, mas também em gestão da água, segurança e segurança climática. Para isso, percebem a falta de indicadores objetivos que representem esses esforços. **Jacques Marcovitch** ressaltou que eles possuem um vasto patrimônio de experiências em questões de saúde pública e nas áreas da saúde e que essas experiências poderiam trazer uma contribuição extremamente valiosa.

Maria Isabel Delcolli, da UFABC, descreveu a instituição como a mais antiga das novas universidades do Brasil. Deseja ver a formação de plataformas comparativas para todas as universidades do estado de São Paulo, incluindo as universidades de financiamento federal. Para tanto, o mecanismo de cooperação deve incluir esses outros atores, e ter um plano de trabalho conjunto definido com esse propósito. Ela também sublinhou a necessidade de indicadores recursivos que possam mostrar não apenas como a universidade impacta a sociedade, mas também de que forma a sociedade exerce influência sobre a universidade. A esse respeito, declarou que a responsabilidade social pela elevada demanda de inclusão social é uma peculiaridade das instituições públicas na América Latina e que deveria ser objeto de maior reflexão nas comparações internacionais.

Finalmente, **Mario Fernando Montenegro**, da UFMG, apontou que Minas Gerais possui o maior número de universidades federais no país e que um dos maiores problemas que enfrentam é a comunicação com o público, a qual é extremamente ineficiente e até contraproducente. Pretende, portanto, propor ferramentas apropriadas para responder às questões sobre a relevância e a importância da universidade e por que deve ser apoiada. Comentou que a ausência de indicadores úteis nas classificações de artes e humanidades, e da produção artística, é um dos principais fatores que prejudica as classificações das universidades com grandes áreas de Direito e de Humanidades, como a UFMG. Espera que o fórum seja capaz de conceber indicadores que possam revelar o impacto e influência da UFMG na sociedade, assegurando sempre que for possível a interoperabilidade dos dados. Isso significa que a representatividade do fórum será importante, mas também o serão as suas conexões internacionais e a sua validação.

A UFMG possui ampla experiência em pesquisa de dados e ciência de dados, áreas em que gostaria de contribuir para o projeto, bem como pesquisas no Lattes e questões de desambiguação.

Jacques Marcovitch sublinhou nessa altura a importância vital de se ter um número de identificação do pesquisador e perguntou-se se os pesquisadores da UFMG o possuíam. Foi informado que, atualmente, em Minas Gerais, existe uma abordagem baseada em incentivos e não em coerção para adotá-lo e por isso o processo tem sido lento. Em alguns casos, tem havido rejeição política e ideológica ao número de ORCID. A FAPEMIG não exige um número do ORCID. Entretanto, **Solange Santos** informou que, em 2019, isso será exigido para todos os autores do SciELO.

Próximas datas

22 de dezembro de 2018 – envio do resumo do texto

22 de fevereiro de 2019 – enviar do texto completo para discussão

14 de março de 2019 - II Workshop e I Fórum de Indicadores (Unicamp)

Indicadores de desempenho nas Universidades Estaduais Paulistas
 Projeto FAPESP 2017/50046-8
“Desempenho Acadêmico e Comparações Internacionais: Horizonte 2022”

Encontro preparatório para o Workshop 2019 e Fórum 2019.

Data: 03 de dezembro 2018, segunda-feira, das 09:30 às 14:00 horas

Missão do Projeto Métricas FAPESP:

Ampliar a compreensão de questões relativas a indicadores e métricas para fins de desempenho acadêmico e comparações internacionais. Desenvolver competências e habilidades para identificar o contexto e as metodologias das comparações internacionais para a análise de indicadores de desempenho acadêmico por área de saber e de âmbito institucional.

Objetivos do workshop 2019:

Identificar os fatores que favorecem e inibem um melhor desempenho acadêmico e, em seguida, discutir as metas almejadas para 2022. Os fatores de excelência incluem, além da pesquisa e do ensino, o impacto econômico, a inclusão social e a sustentabilidade ambiental utilizando comparações internacionais para determinar os indicadores-chaves.

Objetivos do Fórum 2019:

Articular parcerias para revisar as métricas atuais e conceber novos indicadores, em especial os relativos ao impacto econômico, social e ambiental. As instituições a serem convidadas incluem universidades de pesquisa e a FATEC. Trata-se de promover um espaço de diálogo e colaboração do ensino superior com agências de fomento, governos, empresas, ONGs e a sociedade.

Participantes:

Dirigentes universitários e pesquisadores dedicados ao aprimoramento dos indicadores de desempenho acadêmico e a análise das comparações internacionais.

Pauta proposta:

1. Indicadores de desempenho e comparações internacionais – Horizonte 2022.
2. Indicadores de impacto econômico, social e ambiental.
3. Interoperabilidade de dados e novos métodos analíticos.
4. U-Multirank: ferramenta de planejamento, decisão e avaliação.
5. Temas/autores para o Workshop 2019 e Fórum 2019.
6. Curso para dirigentes universitários, jornalistas e outros profissionais.
7. Sinopse dos artigos e do livro a ser publicado em 2019.

Resultados esperados do pré-workshop:

Definir objetivos, conteúdo, temas, formato e os resultados esperados do workshop e do Fórum programados para o dia 14 de março de 2019, quinta-feira, na Unicamp.

Programa proposto:

09h30 - Recepção dos participantes.

10h00 - Desempenho Acadêmico e Comparações Internacionais: Horizonte 2022”
Coordenação do Projeto Métricas FAPESP
 Apresentação das sinopses dos temas por seus autores (5' cada)

10h15 - Metodologias e Métricas: Horizonte 2022
 Indicadores para gestores de instituições de ensino superior
Sabine Righetti
 Desempenho acadêmico por área de saber
Solange Santos

10h30 - Métricas de Desempenho Acadêmico: Horizonte 2022
Aluísio Segurado (USP); Marisa Beppu (UNICAMP); Carlos Vergani (UNESP).

- 10h50 - Interoperabilidade de dados e novos métodos analíticos
João Eduardo Ferreira (STI/USP).
- 11h00 - U-Multirank: Data Gathering and Decision Making Tools
Frans Kaiser; Renze Kolster (U. Twente)
- 11h15 -Temas e práticas de desempenho acadêmico e comparações internacionais
Elizabeth Balbachevsky, José Augusto Guimarães, Justin Axel- Berg, Nina Ranieri, Renato Pedrosa (Pesquisadores associados).
- 11h45 – Indicadores de Impacto Social e Regional
Cleópatra da Silva Planeta; Guilherme Wolff Bueno.(UNESP)
- 12h00 - Intervalo com lanche.
- 12h30 - Delineamento do Fórum 2019: Propostas e Expectativas
*Lia Bittencourt (UNIFESP); Mário Fernando Montenegro (UFMG);
Maria Isabel Delcolli (UFABC).*
- 13h00 - Curso para dirigentes universitários, jornalistas e outros profissionais.
Coordenação do Projeto Métricas FAPESP
- 13h30 - Síntese e próximas etapas do Projeto Fapesp Métricas.
- 14h00 – Encerramento do encontro.

Local: FEA/USP (Sala Ruy Leme) **Contatos:** Tel.: + 55 11 3091-5843
Avenida Professor Luciano Gualberto, 908 - Butantã - São Paulo/SP - 05508-010
Portal: <https://metricas.usp.br/> E-mail: metricas.edu@usp.br
Livro: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/224>

